

Índice

Nota do editor português	11
Insaciabilidade	13
Parte de nós	16
Contra os seus amigos mais fiéis	19
Tamanho e tempo	22
Deixar de meter sempre a pata na poça	25
Todos copiadore	28
Não têm sorte	31
A invasão dos Cavaleiros Negros	34
O muito antigo crime de um escritor	37
Será o cozinheiro boa pessoa?	40
Dissimulados atos de soberba	43
Árdua tarefa	46
Senhores antigos	49
Subido senhorilismo	52
Defender-se do assédio	55
Riscar e riscar	58
Presenciar o passado	61
Os inimigos que não o são	64
Congresso ou infantário	67
Uma súplica	70
Antes uma dentadura descomunal	73
Das parecenças	76
A verdade e o respeito	79

De um limbo	82
Vamos nós oprimir	85
A ponto de me cravar uma baioneta	88
Credulidade	91
A viúva do fantasma	94
Denúncias anónimas	97
O olhar sujo	100
Que não se livre ninguém	103
Pré-julgados	106
Contra a suscetibilidade	109
Sem interpelar	112
Com olhos futuros	115
Para que não votem só os incondicionais	118
Ótimas pessoas	121
Legumes	124
Quando já não se sabe porquê	127
O fator aversão	130
Duas décadas de antipatia	133
Um esquecimento recordado	136
Destruidores do futebol	139
Os meus vizinhos de outro tempo	142
Sobriedade e carnalada	145
Sobre os limites do engano	148
O amigo extraviado	151
O inaudito quotidiano	154
A moda de ser tonto e parecê-lo	157
Promessas, juramentos e perjúrios	160
Um tétrico e perigoso mistério	163
Envaidecimento verbal	166
A cruzada contra a imaginação	169
As pulsações dessa mente	172
O alto preço que aumenta de dia para dia	175
Almeida e Villacís, émulos de Carmena	178
Entusiastas do pânico	181
A evasão das nossas jaulas	184
Perdoem-me o ceticismo	187
Agoirentos por onde quer que seja	190
A bendita rotina do barco	193

Os que além do mais torram a paciência	196
Calmas	199
Maledicentes e mesquinhos	202
Ao serviço de outros senhores, dois	205
Antes, durante e depois	208
Ministros inexistentes: não existam, por favor	211
Com vós outros?	214
Cai bem a admiração	217
Espírito totalitário em versão grotesca	220
O motor que move os cérebros raquíticos	223
Trabalho desprotegendo trabalhadores	226
Dois dias de novembro em Nova Iorque	229
Dois dias mais e um em Filadélfia	232
Terrorismo informativo	235
Quem acusa	238
A aberrante confusão entre sucesso e privilégio	241
Coisas boas por fazer	244
Tanta estrita governanta	247
Vocês acreditam?	250
Perigo de extravio	253
Hollywood soviético	256
Alguma coisa de doentio, sim, há	259
Máscaras e idiotas cabais	262
Uma despedida	265
Seria de uma comicidade irresistível	268
Não podemos ser como eles	271
Em 1927	274
Duas cenas didáticas	277
Ainda em 2020	280
Névoas passadas contra a névoa presente	283
Perante as pessoas comuns	286
Mas oxalá estivessem	289
Que não saibam, não se expressem, não pensem	292
A ver se amainam outras pragas	295

Insaciabilidade

Não se preocupem os não aficionados do futebol, que a referência a esse desporto será somente um preâmbulo. É sabido que nele não há paciência nem, o que é pior, mérito que se acumule. Estamos a vê-lo uma vez mais esta temporada: o Real Madrid ganhou a Liga dos Campeões do ano passado, e a do anterior, e a do anterior, três seguidas. Mais ainda, ganhou quatro das últimas cinco disputadas, façanha que nem de longe alguma outra equipa do continente conseguiu. Hoje, no entanto, joga pobremente, está quase posto de parte na Liga e não promete chegar longe na Liga dos Campeões (embora, como lhe corre sempre tão bem, nunca se saiba). A claque e a imprensa estão furiosas, desprezam o treinador e os jogadores. Segundo a minha maneira de ver, nada há de mal se uma equipa sofre um período de crise depois de tantos triunfos. Que mais se pode pedir? É natural que o nível não seja sempre o mesmo, para mais após a saída do excelente treinador Zidane e do maior goleador de toda a história do clube, Cristiano Ronaldo. O que angustia no futebol é que nada do que foi alcançado importa, que o passado não existe ainda que muito recente, que os maiores feitos não bastam se não tiverem continuidade imediata e não se repetirem indefinidamente. Eu, se fosse futebolista, viveria desesperado e atemorizado: “Domingo marquei três golos, mas se hoje não marco nenhum, esses três não servirão de nada e serei vaiado.” O falecido Luis Aragonés expressou-o sem papas na língua há muito tempo: “Aqui só conta ganhar e ganhar e ganhar e ganhar. E ganhar e ganhar e ganhar

e ganhar...” E assim até ao infinito, uma aterradora tarefa de Sísifo, cujo mito não sei já se muita gente conhece.

O que não era de esperar, no entanto, é aquilo a que poderia chamar-se a “futebolização” do mundo, em todos os domínios. As pessoas têm cada vez mais a sensação de que tudo o que fazem é inútil... a não ser que o façam uma e outra vez, que continuem a fazê-lo. Se alguém presta um favor, por exemplo, rara é a vez em que acontece o mesmo que antes: esse favor não se esquecia e a pessoa entesourava uma dose de gratidão por parte do favorecido. Agora é em mais uma armadilha que se cai. Quem fez um favor, tem de fazer também o próximo, e outro, e o seguinte. Os precedentes contam pouco ou não contam: estão no passado, e do passado, quem se lembra? E se alguém se lembra, é para exigir da pessoa que esteja à altura, que torne a cumprir como se isso se tivesse convertido numa obrigação adquirida. Já terei contado o que muitas vezes me acontece quando me pedem uma colaboração que não me interessa nem me apetece, e à qual acedo por simpatia ou por cortesia. É frequente que, ao fim de algum tempo, o solicitante a que cedi volte à carga. E se a minha resposta é *Não* da segunda vez, não é raro que o insistente, longe de se mostrar agradecido pela ocasião anterior e compreender que abusou, se encha de cólera perante a minha negativa: “Se me escreveu um texto, como se atreve a negar-me outro? Se acedeu da primeira vez, compete-lhe aceder sempre.” Exagero, claro, mas é esta a atitude de fundo.

Coisa semelhante sucede em todas as atividades. O escritor George R. R. Martin acaba de publicar um volumoso romance, aparentemente uma “prequela” da sua famosa série. Desconheço a qualidade da sua prosa, pois nunca li uma linha sua; mas admiro sobremaneira a sua capacidade imaginativa, após ver pela segunda vez, seguidas, as temporadas da série *A Guerra dos Tronos*, em em antecipação à última. Este homem completou já uma obra ingente que, nas suas versões literária ou televisiva, proporcionou prazer a milhões de entre nós. Numa entrevista recente, o pobre Martin queixava-se de que, assim que saíra o volumoso romance que requerera o seu esforço, não paravam de lhe perguntar: “Para quando a próxima entrega das *Crónicas de Gelo e Fogo*?” (Que assim deveria ter sido traduzi-

do o seu ciclo, mais conhecido como *A Guerra dos Tronos*.) Muitos dos seus leitores não lhe têm em conta o que já fez, nem lho agradecem. Consideram-no pouco menos do que um escravo às suas ordens, que não deveria descansar. As suas Ligas dos Campeões já conquistadas não importam. Chegam a ter o mau gosto, esses seus leitores despóticos, de o repreenderem pela sua gordura. Não é que por afeto a sua saúde os preocupe: temem simplesmente ficar sem a resolução da história no caso de Martin quinar antes de a concluir. É puro egoísmo, sem ponta de gratidão nem de estima. Trata-se de um facto generalizado, o caso deste autor é somente o mais extremo, dada a repercussão planetária da sua obra. Não se credita a ninguém o que já pagou e com juros. Ninguém pode parar e dizer: “É já bastante; e, além disso, cansei-me.” Se tiver essa fraqueza, os seus sucessos anteriores serão instantaneamente revogados. É o que vemos a todos os níveis: quando alguém se demite ou é destituído de um cargo, seja o de ministra ou de caixeira do supermercado, agradecem-lhe sumariamente “os serviços prestados” e quando muito recebe uma palmadinha pouco sentida nas costas. Aquilo que fez não conta... a partir do momento em que *já* não continua a fazê-lo. Disse que o futebol e a sua insatisfação permanente contagiaram o mundo, mas talvez tenha sido antes o capitalismo mais selvagem e demente, que pede mais e mais e mais, e mais ganhos ano após ano até que morramos... É como parar e não fazer nada.

Parte de nós

É feio reconhecê-lo, mas a maioria das pessoas não faz distinções e rejeita os matizes. Ainda mais feio e triste é admitir a excessiva influência dos governantes na perceção que temos dos seus países e dos seus povos. Não serve de muito o facto de, quando Trump foi eleito presidente, há um par de anos, ter perdido o sufrágio popular por uma diferença de dois milhões de votos, se não estou mal lembrado, e de só o injusto sistema eleitoral americano lhe ter permitido a investidura. Desde então, a nossa ideia dos Estados Unidos mudou para pior, e essa péssima ideia afeta a totalidade dos seus cidadãos. Embora saibamos que uma grande parte da nação detesta Trump e sofre com ele mais do que qualquer estrangeiro, a mancha torna-se também extensiva às suas vítimas. Há pouco tempo, declinei um convite de Harvard porque — expliquei-o a quem me escrevia — “não porei os pés no seu país enquanto Trump continuar em funções”. O professor em questão era tão contrário ao seu presidente como eu ou mais, mas a minha decisão — pessoal, insignificante — é irreversível, como foi a de não ir lá durante os mandatos de Bush Jr., que cumpri estritamente. Assim se eu, que procuro ter em conta os matizes, reajo desta maneira drástica, como não reagiriam assim tantos que nem sequer o procuram? Pelo seu lado, a Grã-Bretanha foi sempre um dos meus países favoritos, e a minha anglofilia declarada valeu-me um desprezo significativo em Espanha. Desde a votação do *Brexit*, no entanto, as minhas simpatias foram minguando. Sei que os partidários do abandono da União Europeia foram

poucos mais do que os desejosos de ficar, e que, além disso, muitos destes últimos, confiando em que os despropósitos e as mentiras flagrantes não prevaleceriam, se abstiveram despreocupadamente. Tenho bastantes amigos ingleses e escoceses, e todos eles estão horrorizados ou desesperados. Não tomei a mesma decisão — pessoal, insignificante — que a respeito dos Estados Unidos (custa-me mais, e o *Brexit* ainda não teve lugar), mas tenho escassa vontade de visitar um lugar que sempre me alegrou e atraiu. Os governantes, com efeito, têm mais peso do que o desejável, e quando são oprobriosos contagiam todos com os seu opróbrio.

É por isso que é tão irresponsável e nocivo o que os dirigentes independentistas catalães estão a fazer há seis anos. Deixando de parte outras considerações, conseguiram que no resto de Espanha nasça e cresça uma animadversão indiscriminada contra “os catalães”, quando, dos seis ou sete milhões que são, só dois (segundo os cálculos mais interessados) apoiam esse *procés* de laivos racistas, ultrarreacionários e antidemocráticos, por muito que os seus promotores encham cinicamente a boca com a palavra “democracia” e que o idiótico PEN os anime a troco de dádivas. Durante estes seis anos acumularam insultos, desprezo, calúnias e agravos sem fim contra “os espanhóis”, com especial sanha contra madrilenos, andaluzes e estremenhos. Por sorte, a reação tem sido exígua, lenta e nada exaltada. Mas é óbvio que a paciência se erode e que a exasperação está a aumentar. Aos Mas, Puigdemont, Junqueras, Torra, Rovira, Artadi, Rufián e companhia, isso não lhes dá cuidado; de facto, anseiam por mais exasperação. O certo é que, até mesmo se um dia a sua anelada República fosse um facto e a Catalunha independente, a geografia, casmurra, não mudaria, e continuaríamos a ser vizinhos. Será aconselhável irritar deliberada e sistematicamente o vizinho, sobretudo quando este é o nosso principal cliente? Quando é aquele a quem solicitaríamos auxílio em caso de catástrofe natural ou de atentado terrorista massivo? Quando temos séculos de convivência e de solidariedade ininterruptas, apesar das fricções inegáveis? Quanto tempo será preciso para que se restabeleça a confiança perdida e a estima deteriorada?

Uma vez que nos consideramos compatriotas e que estamos muito misturados, é neste caso ainda mais necessário não perdermos de

vista os matizes e fazemos um esforço contínuo por recordar que os usurpadores mencionados não são, em absoluto, “os catalães”, mas antes — graças a um outro sistema eleitoral injusto — indivíduos que, devido a uma maioria parlamentar artificial, tomaram como reféns todos os seus concidadãos. Há quatro ou cinco milhões que não fazem nada senão sofrer, e a eles não podemos virar-lhes as costas nem abandoná-los à sua sorte, são a maioria. Conheço muitos assim, catalanófonos. Passo parte do ano na sua terra e, madrilenos que sou, e tendo-me pronunciado publicamente *não* contra o independentismo (defenda cada um o que queira), mas contra *este* independentismo totalitário e a mal, nunca me senti rejeitado nem me vi desprezado, nem em privado nem na rua. Antes pelo contrário. Agora que começa o julgamento dos políticos acusados de delitos, o tom do ruído subirá mais. A difamação da democracia espanhola não conhecerá limites nem escrúpulos. As ofensas multiplicar-se-ão. Ser-nos-á dito que não se passou aquilo que vimos. Os que fomentam o ódio aplicar-se-ão com afinco. Justamente agora é preciso não perder de vista que “os catalães” não são os que vociferam, increpam e caluniam, seja de que maneira for. Continuam a ser parte de nós, como o foram sempre, ainda que para os usurpadores e seus acólitos nós já não sejamos parte deles. Isso não nos deve importar. São muitos, mas os menos.